

FORMAS CORPORAIS DE AFRICANOS ESCRAVIZADOS NO BRASIL: EM BUSCA DE UMA SOCIOLOGIA DO CORPO EM GILBERTO FREYRE¹

Bodily forms of enslaved Africans in Brazil: tracing a sociology of the body in Gilberto Freyre

ZARIAS, Alexandre²

RESUMO

Este artigo analisa a obra de Gilberto Freyre, "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX", publicada inicialmente em 1963. O estudo utiliza uma abordagem antropológica e sociológica inovadora para explorar a escravidão no Brasil, com foco nos anúncios de escravos em jornais do século XIX. Freyre desenvolve a "anunciologia", uma nova ciência para interpretar esses anúncios, revelando detalhes sobre a diversidade física e de personalidade dos africanos escravizados. Sua análise abrange o impacto do trabalho escravo na constituição física e psicológica desses indivíduos, destacando o processo de miscigenação que conduziu à formação de uma metarraça única nos trópicos. O artigo situa a obra de Freyre no contexto de seu trabalho anterior, especialmente em relação a "Casa-grande & senzala", e discute sua relevância para a sociologia do corpo. Propõe-se uma revisão do pensamento social brasileiro sob a perspectiva das teorias de Freyre, enfatizando a importância de sua contribuição para o entendimento da história e da sociedade brasileira.

¹ A versão original deste artigo foi apresentada como comunicação durante o Colóquio "Corps, identité(s) et sociétés. Autour de David Le Breton", realizado na Universidade de Estrasburgo, França, entre os dias 8 e 9 de setembro de 2022. Um versão ampliada dessa comunicação foi aprovada para ser publicada, em 2024, em língua francesa, sob o título "Formes corporelles d'Africains esclavagés au Brésil: sur la trace d'une sociologie du corps chez Gilberto Freyre", no livro organizado por Lomo Myazhiom Aggée Célestin, intitulado *Corps, identités et sociétés. Autour de David Le Breton*, Paris, Éditions des Archives Contemporaines, (ISBN 9782813004697).

² Fundação Joaquim Nabuco / Universidade Federal de Pernambuco. <https://orcid.org/0000-0002-1198-7328>. Pesquisador e professor do Programa de pós-graduação em Sociologia. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela Universidade de Estrasburgo. alexandre.zarias@fundaj.gov.br.

Palavras-chave: escravidão, jornais, anúncios, Gilberto Freyre, sociologia do corpo.

ABSTRACT

This article analyzes the work of Gilberto Freyre, "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX" first published in 1963. The study employs an innovative anthropological and sociological approach to explore slavery in Brazil, focusing on slave advertisements in 19th-century newspapers. Freyre develops "anunciology," a new science for interpreting these advertisements, revealing details about the physical diversity and personality of the enslaved Africans. His analysis encompasses the impact of slave labor on the physical and psychological makeup of these individuals, highlighting the process of miscegenation that led to the formation of a unique meta-race in the tropics. The article places Freyre's work in the context of his previous work, particularly in relation to "The Masters and the Slaves," and discusses its relevance to the sociology of the body. It proposes a revision of Brazilian social thought from the perspective of Freyre's theories, emphasizing the importance of his contribution to understanding Brazilian history and society.

Keywords: slavery, newspapers, advertisements, Gilberto Freyre, sociology of the body.

1. Introdução

Este artigo analisa a obra de Gilberto Freyre intitulada "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX". O subtítulo escolhido pelo autor é autoexplicativo: "Tentativa de interpretação antropológica, através de anúncios de jornais brasileiros do século XIX, de característicos de personalidade e de formas de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado". Em grande medida, a investigação de Freyre esboça um conjunto de temas e problemáticas que são caros a uma área que hoje denominamos de sociologia do corpo.

Publicado pela primeira vez em 1963, o livro aborda a diversidade de compleições corporais étnicas dos africanos trazidos ao Brasil, as consideradas belas e feias, as marcas produzidas por diferentes tipos de escarificação ou de tatuagens, também os cacoetes, as personalidades e os modos de expressão de sentimentos, sem negligenciar quanto o trabalho escravo deforma o corpo, seja por meio de torturas, seja pelo trabalho árduo a que mulheres e homens eram submetidos.

Para desenvolver sua análise, Freyre (2010: 31) roga para si a autoria de uma nova ciência, a "anunciologia", que é "especializada na análise e na interpretação de material antropológico" contido em anúncios de jornal, especificamente, relativo ao comércio e exploração de pessoas escravizadas levadas da África ao Brasil para trabalharem tanto no espaço rural quanto no urbano, ocupando as mais diferentes funções.

Nessa obra, a principal tese defendida pelo sociólogo, ao se referir às características "psicossociais", "psicossomáticas", "físicas" e "biológicas" dos negros escravizados, é que, no Brasil, os "tipos étnicos" cederam lugar a "tipos constitucionais". Segundo ele, por meio da "miscigenação", forjava-se uma metarraça que viria a caracterizar o brasileiro como "homem situado nos trópicos", diferente do europeu, do africano e do ameríndio. Tal proposição complementa o arcabouço teórico de Freyre repetido em seus diferentes escritos, notadamente no livro "Casa-grande & senzala", de 1933, caracterizado pela dissociação das noções de raça e cultura, do surgimento de uma ciência específica voltada para o estudo do homem no trópico, a "tropicologia", e de uma escravidão caracterizada, em parte, por relações benignas entre senhores e escravos.

A seguir, contextualizo a produção de "O escravo nos anúncios de jornais...", a partir das principais características da produção intelectual de Gilberto Freyre, tendo como referência principal seu texto maior que é "Casa-grande & senzala". Em seguida, detenho-me na obra, citando suas principais referências em relação ao corpo do escravo, destacando a principal tese do autor, qual seja, a de que se forjava um novo tipo físico constitucional nos trópicos. Para concluir, remeto a obra de Freyre ao que convencionamos chamar de "sociologia do corpo", apontando um rumo para repensarmos o pensamento social brasileiro a partir da contribuição do autor.

2. Um pouco antes do corpo: o autor e sua obra no tempo

Gilberto Freyre nasceu em 1900, no Recife, capital do estado de Pernambuco. Formou-se Mestre em Belas Artes pela Universidade de Columbia, Estados Unidos, em 1922, com a tese "Social life in Brazil in the middle of the 19th century", sob a orientação do antropólogo Franz Boas. Sua obra mais conhecida é "Casa-grande & senzala", lançada em

1933, e traduzida para o francês por Roger Bastide, com prefácio de Lucien Febvre, ganhando o título "Maîtres et esclaves" em 1952.

O primeiro esboço de "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX" surgiu de uma conferência intitulada "O escravo nos anúncios de jornal do tempo do Império", na Escola de Belas-Artes do Rio de Janeiro, em 1934, mesmo ano em que Marcel Mauss proferia "Les techniques du corps" à Sociedade de Psicologia na França. Ainda, em 1934, Gilberto Freyre apresentava a "Deformação de corpo dos negros fugidos", durante o I Congresso Afro-Brasileiro do Recife, comunicação publicada na coletânea "Novos estudos afro-brasileiros" em 1937. A primeira edição do livro que ora analiso veio a público pela Editora Imprensa Universitária somente em 1963.³

Originadas de um mesmo esforço intelectual, "O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX" e "Casa-grande & senzala" defendem as mesmas teses e compartilham as mesmas fontes de pesquisa. Esta é reportada como uma das obras máximas de uma sociologia brasileira interessada em desvendar a identidade nacional no início do século XX. Aquela nada mais é do que suas margens de anotação. Arriscaria dizer que se constitui no apêndice da obra maior de Freyre, tendo por principal finalidade sublinhar o potencial metodológico da análise de anúncios de jornais para desvendar o conjunto das relações escravocratas do século XIX.

Essas duas obras correspondem a um período de transição entre uma sociologia praticada por "intelectuais não especializados" e sua "institucionalização como disciplina universitária", caracterizada por uma agenda de pesquisa e ensino consolidada a partir dos anos de 1940 (Cândido: 271, 2006). Gilberto Freyre pode ser considerado como um elo desses dois momentos do pensamento social brasileiro. Valendo-se dos estudos históricos, antropológicos e sociológicos de seu tempo, faz uma síntese do caráter nacional brasileiro, segundo ele, fundado num sistema de dominação patriarcal simbolizado pela casa-grande, a habitação dos senhores proprietários de terras, colonizadores europeus, e pela senzala, a

³ A segunda edição foi publicada pela Companhia Editora Nacional e Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais em 1979. A terceira edição foi produzida pela Castelo Branco e Associados Propaganda em 1984. A edição mais recente, de número quatro, que tomo por referência neste texto, é comercializada pela Global Editora desde 2010. Por essa editora, há também uma versão digital do ano de 2012.

habitação de africanos escravizados, a serviço de um sistema econômico de exploração baseado na monocultura da cana-de-açúcar.

Embora não seja o objeto deste artigo comparar esses dois trabalhos de Freyre, a breve aproximação de ambos nos oferece alguns caminhos interpretativos no que diz respeito ao "corpo". Em "Casa-grande & senzala", o autor analisa de forma abrangente a constituição nacional originada do convívio entre o colonizador português, os africanos escravizados e os indígenas ameríndios, fazendo do sistema patriarcal de colonização portuguesa o elemento amalgamador no qual o clima, os trópicos, efetivamente, funde corpos, almas e culturas para estabelecer um modo único e particular de vida. Essa tese é apresentada no prefácio da primeira edição do livro de 1933, quando o autor afirma:

Spengler salienta que uma raça não se transporta de um continente a outro; seria preciso que se transportasse com ela o meio físico. E recorda a propósito os resultados dos estudos de Gould e de Baxter, e os de Boas, no sentido da uniformização da média de estatura, do tempo médio de desenvolvimento e até, possivelmente, a estrutura de corpo e da forma de cabeça a que tendem indivíduos de várias procedências reunidos sob as mesmas condições de "meio físico". [...] Admitida a tendência do meio físico e principalmente do bioquímico (*biochemical content*) no sentido de recriar à sua imagem os indivíduos que lhe cheguem de várias procedências, não se deve esquecer a ação dos recursos técnicos dos colonizadores em sentido contrário: no de impor ao meio formas e acessórios estranhos de cultura, que lhes permitem conservar-se o mais possível como raça ou cultura exótica. [...] O sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, foi um sistema de plástica contemporização entre as duas tendências. (Freyre: 2003, 34-35).

Em "O escravo nos anúncios de jornais...", entretanto, a análise de Freyre deixa de lado os "corpos" de portugueses e indígenas, para focar tão somente os "corpos" de africanos submetidos à escravidão. Da mesma forma que em "Casa-grande & senzala", o autor nos remete a Franz Boas, tratando da influência do clima na constituição dos corpos:

Será que, pela ação de climas menos asperamente tropicais, negros vindos de Áfricas mais quentes e também em consequência de novos regimes de alimentação tornarem-se menos negros africanos nas aparências a ponto de fotografias como as que se apresentam neste livro serem, algumas delas, de africanos já abasileirados nas suas próprias formas de corpo, como que evidências da teoria de Boas a esse respeito, isto é, quanto à influência de meios ou ambientes sobre formas de corpo? (Freyre : 2012, 110)

Segundo Araújo (1994: 39), o clima é a categoria mediadora que permite a Freyre manejar as noções de cultura e raça, esta última definida em termos neolamarckianos no sentido de os seres humanos serem capazes de "incorporar, transmitir e herdar as características adquiridas na sua — variada, discreta e localizada — interação com o meio físico." Aliás, a distinção entre raça e cultura constitui a base que sustenta o conjunto argumentativo de Freyre, tal como ele destaca já no prefácio à primeira edição de "Casa-grande & senzala":

Foi o estudo de antropologia sob a orientação do professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor - separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. Neste critério de diferenciação fundamental entre raça e cultura assenta todo o plano deste ensaio. (Freyre: 1999, XLVII-XLVIII).

Dois outros pontos de contato entre "Casa-grande & senzala" e "O escravo nos anúncios de jornais...", intrinsecamente ligados aos anteriores já mencionados, diz respeito à noção de miscigenação e à ideia de que teria havido um tipo benigno de escravidão no Brasil. Esses pontos, sem dúvida, são os mais controversos da obra de Gilberto Freyre, acompanhando toda sua trajetória intelectual, alvo de críticas ferrenhas, incompreensões que apagam sua contribuição sociológica, dando azo a múltiplos e inesgotáveis estudos que se estendem até os dias de hoje. É impossível tratar dessas duas questões no pouco espaço e tempo que tenho disponíveis para este artigo. Entretanto, de forma breve, dedico poucas linhas sobre o assunto para alcançar meu objetivo, que é aproximar a obra de Freyre dos estudos sociológicos do corpo.

Para Freyre, a miscigenação, um dos principais problemas brasileiros a ser enfrentado, e que impulsionou sua curiosidade científica, foi responsável pela "democratização social" no país. De acordo com ele:

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre

os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação (Freyre, 1999: 1).

Novidade para seu tempo, a visão positiva acerca da miscigenação de Freyre destoava das teses vigentes, que viam na mistura de portugueses, negros e indígenas um exemplo de degenerescência racial e, por conseguinte, de atraso civilizatório. No rastro do racismo científico dos franceses Arthur de Gobineau e Gustave Le Bon, pensadores brasileiros, tais como Sílvio Romero (1851-1914), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) e Oliveira Vianna (1883-1951) viam negativamente a mistura das raças, apontando o branqueamento da população como uma solução para o desenvolvimento do Brasil.

Para Freyre, um dos indícios dessa forma específica de mistura racial, influenciada pelo clima, foi o tipo benigno de escravidão que se instalou no Brasil. Sem negar as atrocidades e a violência do regime, o sociólogo afirma tanto em "Casa-grande & senzala", quanto em "O escravo nos anúncios de jornais...", que a benevolência entre senhores e escravos marcou a diferença entre o regime de exploração português em relação ao dos ingleses, espanhóis e holandeses em terras tropicais, por exemplo. Essa tese é assentada principalmente por relatos e descrições de viajantes que Freyre toma de forma acrítica. Entre eles, destacam-se Henry Koster, Richard Burton, Thomas Lindley, Charles Wilkes, Louis François de Tollenare, Durret Sieur, Sandar Pannnikar, Amédée François Frézier, Ida Pfeiffer, Barnington Brown e William Lindstone. Todos esses, de alguma forma, surpreenderam-se pela forma "amigável" e "próxima" de tratamento entre senhores portugueses e escravos africanos em comparação com outros colonizadores.

A benignidade das relações entre senhores e escravos, traduzidas nos termos da noção de "democracia racial" tributada a Freyre, constitui um rico e controverso campo de debates caro ao pensamento social brasileiro⁴. Não é minha intenção retomá-lo neste artigo sob o risco de desviar-me de minha intenção que tem por objeto a obra "O escravo nos anúncios de

⁴Entre os críticos clássicos de Gilberto Freyre, podemos listar Fernando Henrique Cardoso (1962), Octavio Ianni (1970), Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), Florestan Fernandes (1989) e Luiz Costa Lima (1989). Para um exame mais detalhado de Casa Grande & Senzala, recomendo a leitura de Ricardo Benzaquem de Araújo (1994). Para análises mais amplas, que consideram os limites e o valor da produção freyriana, listam-se: Thales de Azevedo (1975), Élide Rugai Bastos (2006), Antônio Sérgio Guimarães (2006), Simone Meucci (2015) e Cibele Barbosa (2023).

jornais...". Aliás, antes de tratar especificamente de seu conteúdo, destaco seu valor metodológico e teórico. Ao menos, no Brasil, embora reclame o ineditismo global de sua iniciativa, Freyre toma anúncios de jornais como fonte para pesquisas "antropossociológicas". A partir desse material, por conseguinte, realiza um estudo sistemático do corpo para sustentar teses a respeito da identidade nacional fundada na miscigenação, processo que supera, ou ao menos contradiz, as teses do período vigentes acerca de raça e cultura.

3. O corpo tropical

A primeira edição de "O escravo nos anúncios de jornais..." (1963) é composta principalmente pela reprodução e análise de anúncios de jornais sobre compra e venda de escravos e busca daqueles que haviam fugido de seus donos. A principal fonte de pesquisa são os jornais Diário de Pernambuco, do Recife, e Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, abrangendo o período de 1825 a 1888 (ano da abolição da escravatura no Brasil). A partir de 1978, a segunda e as edições seguintes trazem materiais suplementares, na forma de anexo, contendo fotos de escravos cativos e alforriados de acervos públicos e particulares do século XIX aos quais Gilberto Freyre teve acesso. Além disso, o autor acrescenta breves análises a respeito da utilização de panos à cabeça, na determinação de origens das mulheres africanas, do que chama de tipos constitucionais e tipos étnicos dos negros e mestiços descritos nos jornais, e, finalmente, das deformações de corpo dos negros fugidos.

Freyre chama de "anunciologia" a ciência especializada na análise sociológica e antropológica dos anúncios de jornais. O autor intitula-se seu criador, sendo uma novidade para a época, atribuindo a esse saber especializado duas funções: uma descritiva e outra retórica. Esta capaz de revelar o contexto semântico no qual se dava o comércio de pessoas e bens durante o regime escravocrata brasileiro. Aquela "identificadora de figuras humanas pelos seus traços somáticos e, também, pelos psíquicos; de formas de tórax, de cabeça, de mãos, de pés, de nádegas, de olhos, de narizes, de lábios..." (Freyre, 2010: 47).

A palavra "corpo" aparece logo no subtítulo da obra: "tentativa de interpretação... de personalidade e formas de corpo". Na última edição, "corpo" repete-se ao longo do texto 207

vezes em dois principais contextos. Predominantemente, como citação direta ou indireta dos anúncios de jornais, e, em menor número, em observações de Freyre a respeito da relação entre o "corpo" e a condição de escravizado no Brasil.

Mas o que significa corpo para Gilberto Freyre? O autor toma o corpo como um dado biológico, sujeito às transformações do ambiente e do contexto cultural e, ao mesmo tempo, agente de transformação das relações sociais. Trata-se, enfim, de um índice que nos permite delimitar as fronteiras entre raça e cultura, sem negligenciar, como destacado acima, a tese neolamarckiana segundo a qual o ambiente, o meio físico, exerce uma função central para amalgamar povos de diferentes culturas procedentes de diferentes regiões do globo.

Em "O escravo nos anúncios de jornais...", Freyre classifica os escravos por sua condição étnica, origem tribal, sexo, idade, funções, formas do corpo e biotipo, temperamento, trajes, jogos e brincadeiras, além das características comportamentais relacionadas aos modos de falar, andar, gesticular, olhar, sorrir e, enfim, reagir ao sistema ao qual estavam submetidos (Freyre, 2010: 126-127). Sintetizo esse percurso analítico em três movimentos destacados a seguir. A preocupação de Freyre em identificar "corpos étnicos" vindos da África, a maneira pela qual os corpos de africanos eram marcados e deformados pelo regime escravocrata e, finalmente, como esses corpos transformam-se constitucionalmente, apontando para a geração de um "corpo abasileirado", de tipo único.

A circunscrição analítica de Freyre, em relação ao corpo, tem o propósito principal de identificar as principais etnias africanas que chegaram ao Brasil por meio do tráfico negreiro. Entre elas, destacam-se: bantos, sudaneses, angolas, benguelas, congos, nagôs, minas e iorubás. Para determinar a origem desses povos, Freyre busca nos anúncios de jornais a descrição geral dos tipos físicos, se o escravo é alto ou baixo, gordo ou magro, forte e musculoso ou fraco e franzino. Para exemplificar, cito alguns dos anúncios utilizados pelo autor:

[...] Antônio, nação Congo, "baixo e grosso de corpo, pernas cambadas para dentro, cara redonda e meio fula" (D. P., 21/4/1834) (Freyre, 2010: 107)

[...] Cipriano, nação Quilimane, de boa estatura, bem parecido, barba cerrada, cabeludo nos peitos (D. P., 27/5/1830) (Freyre, 2010: 125)

[...] negro de nação Luanda, nariz um pouco afilado, sobranceiras bem-feitas, altura regular, seco de corpo, pouca barba (D. P., 30/4/1857). (Freyre, 2010: 131)

As marcas tribais, escarificações e tatuagens, e modificações corporais étnicas, tais como dentes limados, descritas nos anúncios, também permitem a Freyre traçar a origem dos africanos escravizados, tal como nos apresentam os anúncios abaixo:

[...] Manoel, nação Angico, estatura ordinária, magro, pouca barba, era outro que levava na cara, bem à vista, “alguns talhos de nação” (D. P., 17/3/1834) (Freyre, 2010:116).

[...] Teresa, nação Beni, ... “ tinha no lugar das fontes uns talhos à imitação de pés de galinha” (D. P., 15/3/1834) (Freyre, 2010: 116).

[...] Maria, de nação Angola, de cerca de 27 anos, alta, cheia de corpo, cara redonda, tendo nas costas “um matame de calombos da sua terra” (D. P., 27/8/1835) (Freyre, 2010: 130).

Nereu, que em 1859 fugiu da casa dos seus senhores, na capital de Pernambuco; ... seco de corpo, cara oval e pouco descamada, com todos os dentes da frente limados, ostentava no braço esquerdo “sinais escritos”; (D. P., 24/10/1859) (Freyre, 2010: 132).

Outra característica dos anúncios diz respeito às doenças causadas pelo tráfico de pessoas e ao regime de escravidão no Brasil. Freyre destaca as moléstias que acometiam os africanos nos navios e aquelas decorrentes do trabalho que lhes era imposto. Recorrendo mais uma vez ao seu clássico "Casa-grande & senzala", apresento uma lista dos males citados pelo autor:

sífilis, hipertrofia do coração, reumatismo, bronquites, infecções das vias aéreas, pneumonias, pleurises, pericardites, irritações e inflamações encefálicas, tétano, hepatites, erisipelas, ordinariamente nos membros inferiores e nos escrotos e aí determinando hipertrofia e degenerescência fibrolardácea do tecido celular subcutâneo, extravasões nas diversas cavidades sonoras, raras vezes nas articulações e freqüentemente no abdômen, na pleura, no pericárdio, na serosa testicular, nos ventrículos cerebrais determinando paralisia; e ainda tubérculos pulmonares, febres intermitentes, opilação (Freyre, 1999: 464)

O regime de trabalho forçado também provocava deformações e mutilações sublinhadas nos anúncios. Cito como exemplo esses:

“Fugiu um escravo... com os sinais seguintes: de nome Joaquim, torado por não ter dedo nos pés, por ter amassado cal com os mesmos e a cal ter lhe aberto feridas e comidos os dedos [...]” (Freyre, 2010: 111).

João... nação Cabinda, 36 anos de idade, estatura regular, pouca barba, olhos grandes, a perna direita um tanto arqueada, andando e falando um tanto apressado, gaguejando, tendo o costume de tremer os beiços, canoeiro, que tinha também sua coroa de martírio: “uma coroa pelo uso de carregar peso” (Freyre, 2010: 111).

Os castigos físicos igualmente eram sinais de distinção para a identificação dos escravos fugidos:

[...] fugido em abril de 1870 um escravo chamado Germano, 17 para 18 anos, bem preto, cabeça pequena e afunilada, conservando sempre o semblante tristonho, pés grandes, pernas compridas e “nas nádegas marcas de castigo muito recente”. Germano, aliás, fugira (D. P., 6/4/1870) (Freyre, 2010: 115).

[...]Gregório, molecão de 16 anos, muitos sinais de queimadura pela barriga e “marcas de castigo pelas nádegas” (Freyre, 2010: 115).

[...] Benedita, baixa, seca, vesga de um olho, “com falta de dentes na frente no lado superior e embaixo podres”, também fugiu com “cicatrizes de surra” nas costas (D. P., 30/1/1845) (Freyre, 2010: 115).

Freyre destaca ainda os anúncios que nos permitem determinar os tipos de profissão e as deformidades dela decorrentes, entre aqueles que trabalhavam na lavoura de açúcar ou assumiam as atividades de ferreiro, sapateiro, cozinheira e costureira. Da mesma forma, chama-nos atenção para a descrição das indumentárias dos escravos e dos seus modos de comportamento, se eram desembaraçados e políticos ao falar a língua portuguesa, seus modos de caminhar, sua postura, etc.

Todo esse conjunto de informações permite a Freyre formular a hipótese que julgo ser a mais importante em seu estudo: a de que forjava-se um novo tipo de homem, uma “metarraça”, no Brasil. Nas suas palavras, Freyre refere-se a uma transição do que ele chama de “tipos antroporraciais”, isto é, negros de diferentes etnias vindos da África, para “tipos antropossociais”, ou seja, negros miscigenados e abasileirados sob o sol dos trópicos subjugados pelo sistema patriarcal da casa-grande e senzala:

Nas descrições de tipos antroporraciais que constam dos anúncios de jornais relativos à era patriarcal já se encontram, porém, em não poucos casos, antecipações do que viria a ser, no Brasil, entre a parte da população procedente da África negra, a substituição de característicos antroporraciais por característicos principalmente antropossociais. Várias das figuras humanas de futuros brasileiros descritas nesses anúncios parecem já desprender-se de suas origens antroporraciais puras e tocadas

por começos significativos de substituição de traços fisicamente antropológicos de origem africana pelos sugestivos de seu começo de abasileiramento através da mestiçagem e da aculturação ao contato da situação, da ecologia, do meio, do ambiente brasileiros (Freyre, 2010: 49-50).

Em "O escravo nos anúncios de jornais..." a evidência dessa transformação é o fato de que, na maioria dos anúncios, os tipos físicos dos escravos fugidos eram muito parecidos a despeito de sua origem étnica:

As predominâncias, nos mesmos anúncios, de negros altos, magros, secos de corpo, parecem corresponder antes a um tipo constitucional de personalidade e a uma situação cultural de negro que a um stock racial: o de sudanês que se revelasse, só por esse fato, mais rebelde ao regime brasileiro de trabalho escravo e de rotina de vida que o banto. Em outras palavras: aquelas predominâncias de negros altos, secos, magros, entre os negros fugidos fixados pelos anúncios de jornais, incluiriam bantos de um tipo constitucional e de uma situação cultural semelhante à da maioria dos sudaneses: dos sudaneses considerados como stock racial. Esta a tese principal que esta nota levanta ou propõe, contrariando ideias estabelecidas em torno do assunto e sugerindo a revisão de tais ideias por um critério que, sem deixar de ser antropológico, deixaria de ser etnocêntrico para tornar-se antropocêntrico (Freyre, 2010: 190)

A asserção de Freyre procura afastar as noções de raça e cultura. Entretanto, por meio da distinção entre essas duas noções, o autor aproxima o dado biológico do fato comportamental, isto é, certos tipos de "corpos", que induziriam ânimos aventureiros, seriam mais propensos à fuga. Freyre não nos apresenta evidências dessa correlação entre tipo físico e comportamental a não ser em uma breve nota de rodapé na qual endossa o estudo "Mobilidade, caráter e região", escrito por Gonçalves Fernandes, em 1959, que trata de uma certa "fatalidade sociopsicológica inerente à sua própria estrutura [física]" (Freyre, 2010: 126).

4. "O escravo nos anúncios de jornais...". Abertura para uma sociologia do corpo no pensamento social brasileiro?

"O escravo nos anúncios de jornais..." não foi traduzido para outras línguas tal como "Casa-grande & senzala". Caso tivesse sido, mereceria um lugar nas revisões teóricas que

procuram contextualizar a sociologia do corpo de acordo com o desenvolvimento das ciências sociais.

Esse campo polifônico e multidisciplinar que chamamos de "sociologia do corpo" é objeto de múltiplas periodizações na Europa, Estados Unidos e América Latina (Pereira, 2013; Scribano, 2013; Shilling, 2003; Turner, 1997; Le Breton, 1992; Berthelot et. al, 1985). Não me cabe aqui utilizar algumas delas para situar uma produção intelectual alheia ao pensamento social brasileiro, sob o risco de descontextualizar a contribuição metodológica e teórica de Gilberto Freyre em relação aos estudos de seu tempo. Talvez "O escravo nos anúncios de jornais..." seja um ponto de partida para traçarmos uma narrativa que dê conta dos estudos do corpo em diferentes momentos e estágios das ciências sociais no país.

A fim de concluir este artigo, afirmo que não se pode traçar uma gênese da sociologia do corpo como se ela de fato existisse no pensamento social brasileiro, que é tributário de diferentes correntes teóricas. Reconstruir a história da disciplina sob essa perspectiva exige um olhar atento em relação aos estudos da questão racial e identidade nacional do início do século XX. Nesse sentido, Gilberto Freyre foi um pioneiro ao dissociar as noções de "raça" e "cultura", fazendo do corpo encarnado o espaço onde jogam clima, biologia e cultura. Longe de questionar a "corporeidade", isto é, o "conjunto de manifestações simbólicas da existência corporal (Pereira, 2013: 499), Freyre toma o corpo na sua condição biológica para edificar uma identidade nacional baseada na miscigenação entre portugueses, africanos e ameríndios, mistura essa cujo caráter perverso e violento o autor suavizou, fazendo dessa perspectiva um dos principais pontos de contestação e repúdio a sua obra.

Referências

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. (1994). *Guerra e paz : Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*, Rio de Janeiro, Ed. 34.

AZEVEDO, Thales de. (1975). *Democracia racial: ideologia e realidade*, Petrópolis, Vozes.

BARBOSA, Cibele. (2013). *Escrita histórica e geopolítica da raça: a recepção de Gilberto Freyre na França*, São Paulo, Global.

BASTOS, Élide Rugai. (2006). *As criaturas de Prometeu. Gilberto Freyre e a formação da sociedade brasileira*, São Paulo, Global.

BERTHELOT, J.M., DRULHE, M., CLÉMENT, S., FORNES, J., & M'BODJ, G. (1985). "Les sociologies et le corps", in *Current Sociology*, 33(2), 1–8.

CANDIDO, Antonio. (2006). "A sociologia no Brasil", in *Tempo Social*, Revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1.

CARDOSO, Fernando Henrique. (1962). *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata no Rio Grande do Sul*, São Paulo, Difel.

COSTA LIMA, Luiz. (1989). *A aguarrás do tempo*. Rio de Janeiro, Rocco.

FERNANDES, Florestan. (1989). *O significado do protesto negro*, São Paulo, Cortez.

FERREIRA, Vítor Sérgio. (2013). "Resgates sociológicos do corpo: esboço de um percurso conceptual", in *Análise Social*, 208, XLVIII, 3.

FREYRE, Gilberto. (1999). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*, Rio de Janeiro, Editora Record.

FREYRE, Gilberto. (2010). *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX: tentativa de interpretação antropológica, através de anúncios de jornais brasileiros do século XIX, de características de personalidade e de formas de corpo de negros ou mestiços, fugidos ou expostos à venda, como escravos, no Brasil do século passado*, São Paulo, Global.

GONZALES, Lélia; HASENBALG, Carlos. (1982). *Lugar de negro*, Rio de Janeiro, Editora Marco Zero.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. (2006). Depois da democracia racial, *Tempo Social*, Revista de Sociologia USP, v. 18, n. 2, p. 269 – 287, novembro.

IANNI, Octavio. (1970). *Raças e classes sociais no Brasil*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

LE BRETON, David. (1992). *Sociologie du corps*, Paris, PUF.

MEUCCI, Simone. (2015). *Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre*, Curitiba, Appris.

SCRIBANO, Adrián. (2013). "Sociología de los cuerpos/emociones", in *Revista Latinoamericana de Estudios sobre Cuerpos, Emociones y Sociedad. RELACES*, 10(4), 93, 113.

SHILLING, Chris. (2003). *The body and social theory*, London, Sage Publications.

TURNER, Bryan Stanley. (2008). *The body & society*, London, Sage Publications.